

Globethics Repository



Reengenharia do tempo [Time reengineering]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Darcy de Oliveira, Rosiska
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-13 05:15:47
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163371

A todas as mulheres, especialmente as que fazem o IHU e a Unisinos, dedicamos este boletim.

Uma ótima leitura a todas e todos e uma excelente semana!

REENGENHARIA DO TEMPO: UMA PROPOSTA SOBRE O SENTIDO DA VIDA

Entrevista com Rosiska Darcy de Oliveira

Com mais de 30 anos de feminismo, Rosiska Darcy de Oliveira, aponta, na entrevista concedida por telefone a IHU On-Line, que o principal desafio da contemporaneidade é encontrar um equilíbrio entre a vida pública e a privada, sendo que a tendência predominante tem sido sacrificar a vida privada. Para ela, uma das grandes conquistas das mulheres foi a tomada de consciência de seu lugar, sem necessitar se igualar aos homens e sim de ser apenas diferente e estar reivindicando direitos iguais para pessoas diferentes.

*Rosiska Darcy de Oliveira, carioca, escritora, jornalista, advogada, conferencista de renome internacional, é consultora do BID para promover a emergência do feminino na cultura. Representou o Brasil na Comissão Interamericana de Mulheres da OEA e preside o Centro de Liderança da Mulher – CELIM no Rio de Janeiro. É autora de **A dama e o unicórnio** e de **Outono de ouro e sangue**, ambos publicados pela Rocco. **Elogio da diferença**, o feminino emergente. São Paulo: Brasiliense, 1991 e **Reengenharia do Tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. sobre este livro cf. a resenha publicada no **IHU On-Line** nº 85 do dia 24 de novembro de 2003. Rosiska Darcy de Oliveira publicou no sábado passado, dia 6-3-04, no jornal **O Globo**, um bela resenha do livro *Mulheres de palavra*, organizado por Eliana Yunes e Maria Clara Bingemer. São Paulo: Editora Loyola, 2004.*

IHU On-Line – Com base em sua experiência de mais de 30 anos em movimentos feministas, quais foram as mudanças principais, ocorridas no feminismo, em cada uma dessas décadas?

Rosiska Darcy de Oliveira – No movimento feminista, houve uma apuração. No começo, nós lutávamos pela igualdade com os homens e ainda não tínhamos percebido que o nosso esforço fundamental era para que se reconhecesse que a humanidade é formada de dois sexos e não apenas de um ao qual tínhamos que nos igualar. A nossa luta era pela igualdade dos direitos civis, políticos, corporais, e não igualdade com os homens. Em 1991, publiquei um livro chamado **Elogio da Diferença**¹, em que eu justamente afirmo a diferença entre homens e mulheres e a necessidade de que a sociedade deve evoluir no sentido de admitir que a humanidade era feita de dois sexos e que a sociedade tinha que acolher estes dois sexos diferentes de maneira igual. E esse era o grande desafio da sociedade, o grande desafio da democracia. Hoje o movimento feminista insiste mais nessa linha de que as mulheres sejam reconhecidas como elas são. Este é o meu ponto de vista dentro do movimento feminista. Evidentemente há outros.

IHU On-Line- Quais as principais transformações impulsionadas pelos movimentos feministas na sociedade?

Rosiska Darcy de Oliveira- Os principais impactos provieram de vários fatores, evidentemente do trabalho do movimento feminista, sem dúvida nenhuma, mas também de mudanças no mundo. O que mais determinou a mudança no estatuto das mulheres foi a contracepção, a possibilidade do controle do corpo. Em segundo lugar, a independência econômica, o acesso ao mundo do trabalho, que foi facilitado inclusive pela contracepção. Antigamente as mulheres

¹ **Elogio da diferença**, o feminino emergente. São Paulo: Brasiliense, 1991.

tinham muito mais filhos do que hoje e por isso tinham muito mais dificuldade de acesso ao mundo do trabalho. Hoje as mulheres têm independência econômica. Basta dizer que metade da população economicamente ativa brasileira é feminina. Essa é uma mudança fundamental na economia. As mulheres passaram a ter acesso a um universo cultural muito maior do que tinham antes. Basta ver que elas são 51% das matrículas em todos os níveis escolares. Elas progrediram pouquíssimo no que concerne à política. O que não quer dizer que elas não tenham progredido em relação ao político, que é uma coisa diferente. Na política formal, política partidária, há uma pequena representação de mulheres no Congresso, muito insignificante, expressiva do ponto de vista dos seus conteúdos, mas insignificante do ponto de vista numérico. Penso que a política não esgota o político. Nós temos uma vida política muito mais ampla do que simplesmente o Congresso Nacional ou as Assembléias. As mulheres têm um papel fundamental na sociedade brasileira, provocam um impacto cultural muito grande e um impacto na mídia, que hoje é um fator essencial de transformação da sociedade. A mídia hoje tem uma participação ativa das mulheres. Eu creio que isso tudo são fatores importantes de transformação nesses anos. Talvez a coisa mais importante seja a tomada de consciência de não ser inferior aos homens e, portanto, não ter que se igualar a eles, mas de ser apenas diferente e estar reivindicando direitos iguais para pessoas diferentes. Isso é essencial.

IHU On-Line - A senhora assinala, no livro *Reengenharia do Tempo*², a articulação entre vida pública e vida privada como um dos núcleos problemáticos do mundo contemporâneo. Poderia explicar um pouco mais?

Rosiska Darcy de Oliveira – Esse é o grande desafio hoje para a emancipação das mulheres, e eu diria também dos homens, e uma melhoria da qualidade de vida da sociedade como um todo. Houve um momento, uma primeira fase em que as mulheres estavam “transgredindo” a lei não escrita: não permitir que tivessem acesso ao mundo dos homens, e aceitaram uma negociação muito desfavorável no momento da entrada. Quem transgredir sente culpa, e quem “concede” impõe condições. A nós, mulheres, foi imposta a seguinte condição: vocês entrem no mundo dos homens e deixem de ser mulheres. Isso significa esconder tudo aquilo que compõe a vida das mulheres, ou seja, a vida privada, os filhos, a gravidez. Para entrar no mundo dos homens, as mulheres tinham que fingir que não existiam como mulheres. É como se o mundo do trabalho fosse apenas dos homens e devesse continuar sendo dos homens. E as mulheres que entrassem lá, deveriam se comportar como homens. Com o que, num primeiro momento, elas conformaram. O resultado disso foi um agravamento muito grande da necessidade de fazer existir duas vidas dentro de 24 horas, o que é uma coisa evidentemente impossível. Num segundo momento, começaram as desavenças com os maridos, as cobranças, a necessidade de equilibrar o tempo dentro de casa. Os homens ainda se recusam a assumir essas responsabilidades privadas. Mas o problema não está só aí. O problema está na articulação entre vida pública e privada. Mesmo àqueles homens que gostariam de ter uma participação maior na vida privada, lhes falta tempo, porque trabalham o dia inteiro. Duas pessoas que trabalham em tempo integral sacrificam vida privada. A reengenharia do tempo é uma proposta de reorganização, de rearticulação entre os tempos da vida privada e os tempos da vida pública, levando-se em conta que hoje não há mais uma mulher na retaguarda da vida privada como havia antes. Hoje, quando se fala em provedor, as pessoas pensam em um servidor virtual, não pensam num homem que sustenta a casa. Atualmente, há pouquíssimos homens que sustentam sozinhos a casa. Estatisticamente é insignificante na economia brasileira.

² *Reengenharia do Tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

***IHU On-Line* – Como esse desequilíbrio entre a vida privada e a pública interfere no casamento e na família contemporânea, caracterizada por tantos conflitos nos casamentos?**

Rosiska Darcy de Oliveira – Se houvesse uma reengenharia do tempo, teríamos a solução de muitos problemas conjugais. As pessoas não têm tido tempo para se amarem suficientemente. Há uma absorção tamanha por funções públicas que não resta tempo para o amor entre os cônjuges, entre os filhos, entre as pessoas mais idosas, entre as pessoas doentes que precisam de nós. Se houvesse uma reestruturação do tempo, com defesa de tempo para a vida privada, muitos dos conflitos internos desapareceriam. A vida amorosa ganharia uma outra importância, se nós pensássemos mais no sentido da vida. A reengenharia do tempo, na verdade, é uma proposta sobre o sentido da vida. O que quero me perguntar é isso: o que estamos querendo da vida? Apenas consumir? Será que isso justifica nossa existência? Eu, pessoalmente, respondo que não. Essa talvez é a grande “tara” do nosso tempo, de que todos devem mergulhar de cabeça numa vida de consumo desenfreada, que exige cada vez maiores recursos, e para isso ter cada vez mais trabalho, e para isso cada vez ter mais tempo, gasto no trabalho e roubado das relações afetivas. É preciso reequilibrar a balança, dando peso às relações afetivas e também ao trabalho, à realização profissional, com o devido equilíbrio.

***IHU On-Line* - De que maneira pode acontecer um equilíbrio entre o profissional e o privado numa sociedade como a brasileira. Que políticas públicas seria necessário implementar?**

Rosiska Darcy de Oliveira – A reengenharia do tempo não é uma solução para o desemprego. Essa é uma situação infinitamente mais complexa, muito mais grave do que se vem descrevendo e que só tende a piorar. Isso porque os empregos que desaparecem, pelo menos os empregos industriais, não voltarão, qualquer que seja o crescimento econômico, porque a economia moderna prescinde de mão-de-obra. Ela é baseada muito mais na criação e nas idéias do que na força física ou na presença física das pessoas. Portanto, a sociedade tem que ser completamente repensada. É preciso parar de enganar as pessoas dizendo que os empregos voltarão, porque eles não voltarão. Se se trabalhasse menos tempo, mais pessoas trabalhariam. Não estou dizendo que seja uma solução para o desemprego. É preciso aprender a viver com outros valores que não sejam apenas os do consumo, porque eu não acredito que eles possam vir a ser satisfeitos. É preciso uma reforma infinitamente mais global da nossa economia. A mão-de-obra deveria ser absorvida fundamentalmente na solução dos problemas sociais e há problemas sociais imensos que pediriam mão-de-obra. Todas as políticas de acolhida de pessoas, as políticas de melhoria da vida das pessoas são lugares de absorção de mão-de-obra importante. O Estado é um grande empregador e ele deveria ser o primeiro a dar exemplo de uma reengenharia do tempo. O Estado poderia fazer isso, porque não ignora que a grande parte da violência que estamos vivendo se deve ao imenso abandono das crianças e dos jovens. E não adianta tentar culpar as mulheres por esse abandono. Elas não deixam os filhos em casa só porque querem e até deveriam querer, porque têm o direito à realização profissional, mas elas deixam em casa, sobretudo, porque elas precisam trabalhar para viver. Exatamente porque há o desemprego. Nenhuma família pode hoje se permitir viver com apenas um salário. Se houvesse uma reengenharia do tempo, uma diminuição, uma reorganização da jornada de trabalho, mães e pais teriam condições de dar um melhor enquadramento a seus filhos e à sua família. A reengenharia do tempo é uma política pública em si.

***IHU On-Line* – Essa reengenharia do tempo também traria consequências importantes em relação à construção da identidade, já que hoje muitas pessoas se definem ou**

apresentam pelo trabalho que fazem, ou até pela falta dele, no caso “sou um desempregado”?

Rosiska Darcy de Oliveira – A reengenharia do tempo ajudaria demais a mudar a mentalidade das pessoas em relação a permitir que o indivíduo se defina pelo que ele é, e não pelo emprego que tem ou não tem. O que ele é, é muito mais do que o emprego. Um ser humano é membro de uma comunidade, de uma família, é amigo dos seus amigos, é membro de um clube, é membro de uma atividade voluntária. Ele é muitas coisas, é amante de alguém, mãe ou pai de seus filhos, é uma série de coisas. As pessoas não podem ser definidas apenas pela sua mão-de-obra. Isso faz parte da ideologia de uma sociedade de consumo que está nos levando a um enorme desastre. É um desastre essa sociedade.

IHU On-Line - Quais os rumos que podem se prever para uma sociedade assim?

Rosiska Darcy de Oliveira – Em abril vou fazer uma conferência sobre isso. Essa é uma pergunta realmente complexa. Desde 1992, quando eu coordenei o Planeta Fêmea, aqui no Rio de Janeiro, venho insistindo que nós tínhamos chegado a um impasse na civilização. Nós estamos realmente nesse impasse. Não vamos poder continuar vivendo com a demanda predatória da terra que nós temos hoje. Temos que combater isso, refazer os objetivos da civilização. A reengenharia do tempo também é um dos elementos desse refazer civilizatório em nome de novos valores.

IHU On-Line – Que mensagem daria às mulheres no dia Internacional da Mulher?

Rosiska Darcy de Oliveira – Digo a elas que pensem no sentido da vida, pensem no tempo, defendam o seu tempo e a sua felicidade.

AS MULHERES NO MUNDO DO TRABALHO

Entrevista com Helena Hirata

*Helena Hirata é socióloga especializada em comparações internacionais do trabalho e das relações de gênero, formada em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Militante feminista e pesquisadora do GEDISST (Grupo de Estudos sobre a Divisão Social e Sexual do Trabalho) e do CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica) da França. Entre outros livros, é autora de **Sobre o Modelo Japonês. Automação, novas formas de organização e relações de trabalho**. São Paulo, EDUSP/Aliança Cultural Brasil Japão, 1993. E **Nova divisão sexual do trabalho? O olhar voltado para a empresa e a sociedade**. Boitempo: São Paulo, 2002. Cfr. resenha publicada no IHU On-Line Nº 42, publicado no dia 11 de novembro de 2002..*

IHU On-Line - Como vê os movimentos feministas atualmente e em que eles contribuíram na luta das mulheres no mundo do trabalho?

Helena Hirata – Desde os anos 1970, os movimentos feministas começaram a se desenvolver em todo o mundo. No Brasil e na América Latina, sobretudo a partir de 1975, quando se reuniu, na Cidade do México, a Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher, patrocinada pela ONU, surgiram jornais, imprensa feminista, etc., e desde então as mulheres têm participado de muitas lutas que, às vezes, não são feministas no sentido estreito, mas que são mais amplamente movimentos sociais, por exemplo, de luta para melhores habitações, creches, ruas iluminadas, toda uma série de movimentos sociais, de moradia, de melhores condições de vida, que são lutas mais amplas do que propriamente feministas, mas em que as mulheres têm tido um papel bastante importante.